

**Corpos/Seres que não importam?  
Sobre homossexuais velhos<sup>1</sup>**

*Bodies/Beings that don't have a worth?  
About old gay people*

**Cristian Paiva**

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC  
Coordenador do Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade,  
Gênero e Subjetividade (NUSS)  
e-mail: cristianpaiva@uol.com.br*

10

## **Resumo**

No presente texto, busca-se uma compreensão do lugar dos homossexuais velhos no campo sexual das homossexualidades. Partindo da idéia da abjeção em relação ao corpo velho e em relação à homossexualidade, indagamos em que medida o envelhecimento homossexual, enquanto experiência individual e coletiva, tem sido pensado pelos movimentos homossexuais e em que medida o silêncio a respeito dessa experiência demonstra a posição marginal dos homossexuais velhos na epistemologia das sexualidades contemporâneas.

Palavras-chave: envelhecimento homossexual, corpo velho, abjeção, epistemologia da sexualidade.

## **Abstract**

In this text, the author aims an understanding about the place of aged homosexuals in the sexual camp of homosexualities. On focusing the idea of the abjection associated simultaneously to the aged body and to homosexuality, we question about how the homosexual getting old, as both individual and social experience, has been thought by homosexual organized groups. We also consider that the silence about that experience indicates the marginal position of aged homosexuals in the epistemology of the contemporary sexualities.

Keywords: homosexual aging, aged body, abjection, epistemology of sexuality.

Tomando como provocação a topologia centro-margens para pensar os processos de inteligibilidade do campo sexual, ocorreu-me pensar a inserção da experiência do envelhecimento homossexual como ocupando as periferias desse campo. Ao pensar este trabalho – jogado no movimento das margens aos centros e dos centros às margens, sendo margens e centros pensados em movimento, como forças que diagramatizam o(s) contemporâneo(s) dispositivo(s) das sexualidades<sup>2</sup> –, dei-me conta do deslocamento no meu próprio percurso de investigação. Pois bem, vi-me deslocado de um *centro* (certamente margem em relação a outros centros), o da conjugalidade homossexual, que representa um modelo de homossexualidade mais inteligível (conjugalizada, monogâmica, familista), para a *margem* do envelhecimento homossexual. Interessa-me agora investigar o lugar (ou não-lugar) da subjetividade dos homossexuais idosos na inteligência do sexual, os modos como absorvem as representações sociais de velhice (propagadas pela mídia e pelos saberes médicos) e as negociações com o campo das homosociabilidades. Envelhecer e ser LGBT configuraria uma feição particular à experiência da velhice? Como pensar um “ciclo de vida homossexual” (BOZON, 2004, p. 77), em sua dimensão individual e coletiva? Que afinidades eletivas haveria entre a abjeção da velhice (encarnada no corpo velho) e a abjeção da homossexualidade? São questões que me parecem pertinentes para discutir determinadas periferias do campo sexual ou, ao menos, algumas de suas esquinas...

### **Para início de conversa, cenas abjetas**

Começo com algumas cenas envolvendo velhos.

Apresento-lhes duas velhas claricianas: D. Anita e D. Cândida.

Em sua festa de aniversário de 89 anos, cansada de ocupar o lugar de bolo de aniversário (a velhice como lugar do passado, do ter sido, não-lugar no laço social), D. Anita se manifesta irreconhecível, para o desconforto de todos:

Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na mesa “Olhares das margens mais distantes: sexualidades dissidentes e domesticação dos prazeres”, no Seminário *Das margens aos centros: sexualidades, gêneros e direitos humanos*, em Goiânia, de 25 a 27 de setembro de 2008.

<sup>2</sup> Num sentido confluyente, Sérgio Carrara, em sua comunicação no Seminário, nos chamava atenção para o fato de que margem e centro são posições relacionais, de modo que toda margem é um centro para outras margens.

– Mamãe! Gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. – Mamãe, que é isso! – acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegará tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo que a velha não passava agora de uma criança.

– Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Mas D. Anita não se conforma de ser “a criança”, quer-se desejante e pede:

– Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

– Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

– Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. – Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! – ordenou.” (*Feliz Aniversário*, p. 60-62).

A outra velha clariciana que trago aqui é D. Cândida Raposo, 81 anos de idade. A cena se passa no consultório do ginecologista, quando D. Cândida, envergonhada, fora tratar de algo esdrúxulo para uma senhora respeitável. Reproduzo o diálogo:

– Quando é que passa?

– Passa o quê, minha senhora?

– A coisa.

– Que coisa?

– A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.

– Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.

Olhou-o espantada.

– Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!

– Não importa, minha senhora. É até morrer.

- Mas isso é o inferno!
  - É a vida, senhora Raposo.
- A vida era isso, então? essa falta de vergonha?
- E o que é que eu faço? ninguém me quer mais...
- O médico olhou-a com piedade.
- Não há remédio, minha senhora.
  - E se eu pagasse?
  - Não ia adiantar de nada. A senhora tem que se lembrar que tem oitenta e um anos de idade.
  - E... se eu me arranjasse sozinha? o senhor entende o que eu quero dizer?
  - É, disse o médico. Pode ser um remédio.
- [...]

Nessa mesma noite deu um jeito e solitária satisfiz-se. Mudos fogos de artifício. Depois chorou. Tinha vergonha. Daí em diante usaria o mesmo processo. Sempre triste. É a vida, senhora Raposo, é a vida. Até a bênção da morte. (Ruído de passos, in: *A via crucis do corpo*, p. 55-56).

Passo agora a dois homens velhos (ou “envelhescentes”) da prosa de Hilda Hilst: Vittorio (65 anos) e Lucius (35 anos).

Vittorio, ao levar uma queda, fala com Matias:

não foi nada, devo ter rachado o cóccix, devo ter rachado a panela... e aí rimos os dois porque Matias me diz: e daí? Tu não é papa-picas! Acho que vou experimentar, viu, Matias, deve ser bom na velhice isso de alguém te enrabar, a gente pode começar enfiando um lápis, melhor um cotonete (p. 52-53).

tu és bom, Matias, meu irmão, e só contigo é que me casaria, por que não nasci mulher e mundana, ou melhor, por que não nasci pomba, precheça ou pita ou flor-da-noite ou bromélia ou quem sabe camélia. Vê, fico até marida, quando falo de ti (p. 54).

Noutro instante, outro diálogo com Matias, o irmão-colosso, reagindo a conformar-se em ser “um velho corno aveadado” (p. 31):

modere-se, diz Matias. Por quê? por que não posso beber até ficar um macaco raivoso, um bode, ou um gambá ou um quati ou um pobre jumento com o peito em chamas e

alguém lhe retalhando o peito? por quê? porque não posso morrer bêbado, incendiado (p. 58).

Pensei azedo também sobre a vida. Pensei “triste, velhice”, “caralho murcho” (*Estar sendo. Ter sido*, p. 108).

Em *Rútilo nada*, três gerações de homens se conflituam. Cito o diálogo entre Lucius e seu pai, no qual o velho denuncia ter descoberto a relação deste com o namorado da neta, Lucas. Lucius sem-vergonha ou o safado do Lucas que seduziu o filho doutor, quase quarentão?

mais claro é o que ando vendo, Lucas e você, afaste-se desse rapaz, me olha, Lucius, me olha, esse rapaz é o namorado da tua filha, o que é que você fala tanto com esse rapazola? amigos meus te viram várias vezes com ele nas ruas, nos bares (p. 93).

Outro diálogo:

com que cara você acha que eu vou aparecer diante dos meus amigos, ou você imagina que ninguém sabia, crápula, canalha, tua sórdida ligação, e esse moleque bonito era o namoradinho da minha neta, então vocês combinaram seus crápulas, aquele crapulazinha namorou minha neta para poder ficar perto de você. Gosta de cu seu canalha? gosta de merda? fez-se também de mulherzinha com o moço machão? Ele só pode ter sido teu macho porque teve a decência de se dar um tiro na cabeça, mate-se também seu desgraçado mate-se (p. 87).

Um último cenário. Uma sauna. Proliferação de cenas que introduzem curto-circuito nos interditos impostos ao corpo velho, supostamente deserogeneizado e improdutivo para os contatos sexuais.

Um senhor de quase setenta anos, cabelos todos branquinhos, sobre o qual comentam ser padre e que, corpo em fúria, masturbava-se na sauna a vapor, ao lado de um garoto que trabalhava no estabelecimento, o qual permitia ser tocado e sentir o frêmito do corpo daquele senhor. Depois, os barulhos, o banho e o senhor reassumia o pio rosto com que cotidianamente era visto.

Duas travestis idosas sentam-se elegantes numa mesa no bar da sauna. Passadas dos 60 anos, ainda guardam resquícios de uma beleza estonteante. São novas no local ou, pelo menos, muito pouco assíduas. A uma delas, uma ruiva altíssima e corpulenta, é apresentado o mais belo boy da sauna. Negociam e somem no corredor que vai dar nas suítes em que são feitas as “massagens”, eufemismo para os programas. Escuto o que a outra lhe fala a respeito dos dotes pouco pródigos de outro dos boys. Riem-se.

Um senhor extremamente gordo, desprovido de tudo o que nossa cultura somática qualificaria de belo, sentado no mesmo bar, no lugar outrora ocupado pelas travestis, tem numa de suas pernas um garoto que o beija e recosta-se a seu corpo como num abraço fervoroso.

Toca um conjunto de samba, é domingo. Um senhor baixinho, gordo, a quem não causa embaraço ter suas partes íntimas à mostra, que grita seu bordão para os rapazes da banda, especialmente para o líder, o mais belo deles, servindo-lhes comida e bebida, e tendo dos mesmos rapazes, em contrapartida, toda a simpatia e consideração, cuja medida não fica clara.

### **Abjeção e envelhecimento LGBTT**

Seriam essas cenas, cenas abjetas, envolvendo velhos abjetos? Certamente, são cenas que perturbam o imaginário da velhice, do envelhecimento. As pesquisas em torno do campo de estudos sobre velhice no Brasil apontam que as representações acerca da velhice mudaram nas duas ou três últimas décadas, deixando esta de estar associada àquilo que Baudrillard (1996), num texto escrito em 1976, chama de “morte social”<sup>3</sup>, morte do corpo, morte em vida, que podemos associar diretamente à exclusão dos velhos do mundo do trabalho, do acesso aos bens de consumo e ao desempenho de funções importantes nas solidariedades familiares. Temos hoje em construção um reposicionamento dos velhos em relação ao laço social, num processo ambivalente de positivação e de denegação da “terceira idade”. Entretanto, os velhos evocados acima não são nada afeitos ao ideal médico-normativo-midiático da velhice risonha/dançante e saudável que vemos circular hoje. Seriam aqueles velhos tomados como corpos/seres abjetos, corpos/seres que não importam, corpos incoerentes, corpos sujos, poluidores do imaginário da velhice, derrisórios, sucatas do mundo (PEREIRA, 2001), sem lugar no laço social? Seria a velhice homossexual campo fértil para a abjeção?

Tomemos aqui a noção de abjeção.

No sentido corrente, o termo abjeção refere-se a uma posição de degradação, de aviltamento, de desvalorização do sujeito diante do laço social.

---

<sup>3</sup> Baudrillard (1996) descreve em tintas fortes o processo de racionalização capitalista da velhice, definida como “terceiro mundo” das idades: “A terceira idade não é mais do que uma fatia de vida, marginal, a-social ao limite – um gueto, uma espera, um declive diante da morte. Trata-se propriamente da liquidação da velhice. Conforme vivem mais, e conforme vencem a morte, os vivos cessam de ser reconhecidos simbolicamente. Condenada a uma morte sempre adiada, essa idade perde seu estatuto e suas prerrogativas. [...] A expectativa de vida prolongada levou, portanto, apenas a uma discriminação da velhice: esta decorre logicamente da discriminação da própria morte. O 'social' também aí trabalhou bem. Fez da velhice um território 'social' (que figura nos jornais nessa rubrica, ao lado dos imigrantes e do aborto), ele socializou essa parte da vida ao encerrá-la em si mesma. Sob o signo 'benéfico' da *morte natural*, ele fez da velhice uma *morte social* antecipada”.

Posição que podemos aproximar daquilo que Bauman (2005) chama de “vidas redundantes”, “refugo humano”, e que Agamben (2002) denomina de “vida nua”, vida de homens invisíveis, prescindíveis, daí que o filósofo italiano recupera a figura antiga do *homo sacer*.

Judith Butler, a partir do trabalho de Derrida (1971; 2005), faz uma discussão aprofundada sobre o *abjeto* e a *abjeção* como intrínsecos aos esquemas classificatórios sociosexuais binaristas<sup>4</sup> e aos correspondentes esquemas de constituição das subjetividades. Cito-a:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (BUTLER, 2001, p. 155-156).

Quando os sujeitos subvertem o imaginário do velho e da velhice – como nas cenas trazidas anteriormente, nas quais as personagens cospem, bebem, agridem, gozam, negociam prazer e afeto – resistem ao lugar a eles reservado, lugar “desistido” e, portanto, melancolizante, depressor, na medida em que o lugar de velho bonzinho, assexuado, sempre feliz, sempre dançante, quase uma criança, frequentemente significa a paralisação do seu desejo e dos poderes de seu corpo, como se este não importasse mais enquanto corpo sexual, erógeno, mas somente enquanto corpo ofertado à medicina e aos medicamentos.

---

<sup>4</sup> “Un ensemble d'exclusions intervient dans la production de toute structure binaire, et ces exclusions ne trouvent jamais leur place dans le discours rationnel. C'est là qu'entre en jeu la notion d'abject. J'accepte l'idée derridienne selon laquelle toute opposition dialectique est produite par le truchement d'un ensemble d'exclusions, et que ce qui est au-dehors de la dialectique – qui n'est pas une négation – ne peut être contenu par la dialectique” (BUTLER, 2005, p. 24). “Um conjunto de exclusões intervém na produção de toda estrutura binária, e essas exclusões não encontram nunca o seu lugar no discurso racional. É aí que entra em jogo a noção de abjeção. Aceito a idéia derridiana segundo a qual toda oposição dialética é produzida pela mediação de um conjunto de exclusões, e que isso que permanece no de-fora da dialética – que não é uma negação – não pode ser contido pela dialética” (tradução pessoal).

A disjunção entre ter sido/estar sendo sinaliza a tensão entre o corpo policiado, corpo constituído por uma linguagem médico-moral, e o inesperado corpo erógeno, corpo capaz de engendrar sociações, mas sentido como inoportuno, ininteligível. Nesse sentido, essas figurações de velhos compõem figura esdrúxula, nem humana, nem animal, para usar os termos de Paz (1979, p. 11), abjeção maximizada quando se trata de homossexuais velhos, associados a um esquema de produtividade sexual marginal.

Em outros trabalhos, pensei esse lugar do abjeto a partir das noções de *melancolia*<sup>5</sup> e de *miséria de posição* (PAIVA, 2008a; 2008b), as quais se ligam à ideia de não-lugar, da zona inabitável. A presente contribuição, ainda muito fragmentária e intuitiva, vai na direção de apontar a necessidade de constituir o campo de investigação sobre envelhecimento de LGBTs no Brasil, suscitando estudos sobre orientação sexual e a questão geracional.

Britto da Motta analisa as lacunas dos estudos de geração, no campo das ciências sociais, atestando a quase total ausência de teorização socioantropológica da categoria e as deficiências de seu uso enquanto instrumento analítico. *Gênero e geração*, segundo a autora, seriam categorias raramente investigadas conjuntamente. Penso que, num sentido convergente a Britto da Motta, com mais razão, poder-se-ia apontar as lacunas nos estudos sobre *geração e sexualidade* e, num grau mais elevado ainda de dissociação, nos estudos sobre *geração e sexualidades periféricas*, as quais divergem do ideal normativo da matriz heterossexual, familista por definição. No que concerne a pensar geração em relação aos arranjos conjugais, familiares, parentais dos LGBTs, os desafios são maiores ainda. Se consultarmos os estudos sobre velhice no Brasil<sup>6</sup>, verificaremos, como regra geral, o silêncio a respeito do envelhecimento homossexual. Poderíamos ver aí um sintoma de recalçamento das questões relativas a aliança e parentesco que, no campos LGBTT, se achariam desbussolados?

Daí toda a pertinência das indagações, por exemplo, de Judith Butler (2003a), ao perguntar se a heterossexualidade se configura como horizonte antropológico inelutável (portanto, absoluto, normativo e delimitador das

---

<sup>5</sup> Melancolia que tem a ver com a desvalorização da experiência, no sentido analisado por W. Benjamin (GAGNEBIN, 1997; 1994 e AGAMBEN, 2005). Melancolia que, segundo apontado por Maria Rita Kehl, tem a ver igualmente com a perda de lugar do sujeito no laço social, com o não-lugar junto às práticas sociais que as culturas criam como processos de referenciais de subjetivação, de identificação e de socialização. Associação com a vergonha de si e a culpabilização. Sobre a melancolia homossexual, ver BUTLER (2003; 2002); ERIBÓN (1999) e PAIVA (2008b).

<sup>6</sup> Cf. BARROS (2006; 2003; 1998); BOSI (1979); BRITTO DA MOTTA (2008; 2004; 1996); CAMARANO (2004); DEBERT (2004); DEBERT; SIMÕES (s/d); PEIXOTO (2003; 2000).

fronteiras entre o humano e o inumano) do parentesco; e também a sugestiva interrogação de Michel Bozon (2004, p. 77) sobre a existência de um ciclo de vida homossexual. Na reflexão dos dois autores, vemos em que medida as trajetórias afetivo-sexuais, relacional-familiares dos homossexuais são confrontadas fortemente com dispositivos de aliança, parentesco e filiação heterocêntricos.

Esse ideal normativo estabelece imediatamente hierarquias morais e de definição dos limites de inteligibilidade daqueles dispositivos<sup>7</sup> e, muitas vezes com consentimento da autoridade científica, seja ligada aos estudos de psicologia do desenvolvimento – nos quais ainda há a prevalência de um modelo linear, evolucionista, para referir-se à trajetória em parábola de um indivíduo (nascer, crescer, tornar-se adulto, “amadurecer”, reproduzir, involuir e morrer) –, seja ao campo psicanalítico (com flertes naturalizantes acerca, por exemplo, das funções materna e paterna, encarnadas pela mãe e pelo pai biológicos, frequentemente traduzidas como passagem da natureza à cultura, da carne ao símbolo, numa distribuição de papéis na constituição da subjetividade dos filhos que, uma vez perturbada, traria patologias no desenvolvimento psicosssexual destes), seja aos estudos socioantropológicos, ao descrever os dispositivos simbólicos de organização das culturas e das sociedades como baseados na razão heterossexista, diante da qual, por exemplo, a homossexualidade seria tida como grau zero da relação social.

Como exemplo desse procedimento, Balandier (1976, p. 41-42) caracteriza a relação de alteridade homem/mulher como “relação-mãe”, que engendra de si todas as outras relações de que se nutre a vida e a criação cultural coletiva. Transformando-se em “complementaridade tensional” através do casamento, continua o antropólogo, a relação homem/mulher “modela um grande número de relações sociais, de representações e de arranjos simbólicos em todas as sociedades formadas principalmente à base do parentesco, da filiação e da aliança”. Temos aqui de forma clara o privilégio conferido a essa relação tomada como “dado definitivo”, “primevo”, “fundador”, “relação de referência” para se pensar o vínculo social. Por conta disso, sigo com Balandier, a homossexualidade apresenta-se, antropologicamente, como “o estado zero das relações sociais, como não-relação e, de qualquer modo como o inverso da união das diferenças, que revela sua fecundidade na categoria exemplar, ou melhor, paradigmática, atribuída à relação masculino/feminina”.

---

<sup>7</sup> Além dessas consequências epistemológicas, teríamos de apontar as consequências políticas desse não-lugar do velho homossexual, traduzido nos termos de uma quase invisibilidade social, e isso valendo inclusive no interior das associações do movimento LGBT. Voltaremos a esse ponto mais à frente.

Poderíamos multiplicar a demonstração evocando as recentes articulações entre as ciências sociais e o direito, ao abordar as (im)possibilidades de tomar o casamento homossexual como entidade familiar, no sentido estrito, isto é, com todas as prerrogativas de legitimidade antropológica atribuídas ao casamento e à família heterossexuais, ou, então, à nova onda de cientificismo que assedia as subjetividades e sexualidades, anunciando descobertas da neurociência e da química cerebral que confirmam determinações genéticas dos gêneros (renaturalizados), e no exercício das funções materna e paterna etc. Mas as referências aludidas acima são suficientes para indicar algumas razões para o grande desconhecimento que ronda a temática do envelhecimento homossexual (BOZON, 2004, p. 80), uma vez que o campo de experimentações afetivo-sexuais ligadas às homossexualidades dificilmente se deixa nortear pelos marcadores geracionais, os quais, como vimos, estão diretamente associados à constituição de família e procriação, instituições organizadas pela “relação-mãe” da heterossexualidade compulsória. Assim, que inteligibilidade social pode ser atribuída a uma trajetória de vida que escapa a esses marcadores<sup>8</sup>?

Quando é, por exemplo, que um gay começa a envelhecer? Quando se depara em “envelhescência”<sup>9</sup>? Aos trinta? Aos quarenta? Aos cinquenta? A matriz heterossexual nesse sentido ajuda a delimitar um campo mais ou menos desenhado para essa marcação: envelhece-se quando os filhos saem de casa, ou quando casam, ou quando vêm os netos... Mas quando não há esses marcadores geracionais expressos na norma conjugal e familiar, quando é que se começa a envelhecer? E o que a experiência de envelhecer faz mudar a percepção de si, do outro e do mundo?

Essas questões chegaram-me a partir dos depoimentos recolhidos na pesquisa de campo que realizei para o meu doutoramento<sup>10</sup>, sobre o *ethos*

---

<sup>8</sup> Evidentemente, esse processo de desprendimento dos marcadores tradicionais de aliança, parentesco e filiação não é privilégio das sexualidades dissidentes, sendo mesmo uma das características centrais da subjetividade moderna. Luiz Fernando Dias Duarte (2004, p. 45) se refere a um processo de *desentranhamento* da subjetividade e da sexualidade em relação aos contextos sociais tradicionais (sistemas religiosos e de moral), correlato à autonomização e à descontextualização dos modos de subjetivação modernos. Bozon (2004, p. 80), de modo semelhante, refere-se a um processo de “despadronização das trajetórias conjugais amorosas contemporâneas”, que provocou uma aproximação entre as trajetórias afetivo-sexuais hetero- e homossexuais, mesmo que circunscrita a contextos sociais bem restritos.

<sup>9</sup> O neologismo “envelhescência” foi cunhado pelo escritor mineiro Mário Prata, na crônica “Você é um envelhescente?”. Nesse texto, o escritor descreve a envelhescência por analogia à adolescência: “A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim como a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência?”. Manoel Tosta Berlink, a partir de Prata, tenta elaborar uma compreensão metapsicológica do envelhecimento. Aproveitei essa noção para trabalhar a envelhescência, ou melhor, as envelhescências no contexto LGBT, numa pesquisa em curso sobre “Silenciosas envelhescências: figurações do envelhecimento no contexto do feminino e da homossexualidade”.

<sup>10</sup> Posteriormente publicada como livro, em Paiva (2007).

íntimo das parcerias homoeróticas masculinas. Vieram pela boca dos próprios sujeitos da pesquisa, como preocupação ligada ao estar sozinho, ao medo da solidão, à falta de visibilidade positivante para a experimentação de uma velhice feliz.

Cito algumas dessas falas<sup>11</sup>:

Como a nossa cultura é a do jovem, o jovem é que tem a supremacia de tudo e o velho não tem direito a nada, imagine o gay na terceira idade... Nós gays deveríamos já estar trabalhando essa questão. Nós estamos no terceiro milênio e não vi nenhum movimento falar do gay velho... O gay por si só já é solitário, imagina quando ele está envelhecendo (p. 274).

O mundo gay não se prepara para isso: para a gente ter uma vida mais feliz, ser mais prazeroso nos encontros, nos relacionamentos, é ainda tudo muito escondido, tudo muito mentiroso e todo mundo vivendo da mentira. [Destaco que se trata aqui do discurso de um homem chegado aos cinquenta, cujas sociações em torno da vivência da homossexualidade se deram num espaço-tempo outro que não o nosso – no caso uma cidade nordestina, machista, nos anos 70/80 –, com maiores imposições de silêncio e invisibilidade]. Se um gay de 25 anos acha que está só, imagina um cara de 55 anos, que foi abandonado porque não tem mais a pele viçosa, porque não levanta direito, ou porque está feio, enrugado, ou porque está decadente... Ninguém trabalha essa questão: todos acham que vão ter sempre vinte anos, com os músculos todos durinhos, com a bundinha em pé... (p. 236).

Tenho muito medo do movimento homossexual daqui a dez, quinze anos. A nossa geração é uma geração que de certa forma ainda experimenta o gueto. É uma geração que vive sozinha. Temo que a gente possa ter uma terceira idade muito frustrada. A clandestinidade demais que leva você a não assumir nada diante da sociedade. E aí vai encontrar o quê? Vai encontrar com amigos que também não acreditam em nada... (p. 214).

Vejo aí uma geração de gays envelhecendo, aqui em Fortaleza. Escuto as pessoas muito amargas, se maldizendo que as pessoas não querem nada. Daqui a dez anos

---

<sup>11</sup> Os trechos citados estão todos em Paiva (2007).

estaremos nos mesmos lugares, envelhecidos, vendo pessoas novas desfilando os belos corpos... Como é que fica isso? Estamos preparados para essa realidade? (p. 275)

Basta ver a “safra nova” de gays nas boates, nos bares, assumindo o batente, curtindo a vida da melhor forma que acham... (p. 215).

## **O (não) lugar da questão do envelhecimento no movimento LGBTQTT no Brasil**

Esses depoimentos, recolhidos de forma espontânea nas entrevistas com vários sujeitos, atestam a preocupação em relação à solidão dos homossexuais e à questão dos gays na terceira idade, que ainda não mereceu o devido acolhimento teórico e político, seja por parte dos estudos acadêmicos, seja por parte da formulação e implementação de políticas voltadas para esse segmento.

Qual visibilidade social há para o gay velho em nossa sociedade? Que tipo de legitimidade há para um curso de vida que saiu dos trilhos, que introduz desrazão nos roteiros biográficos que a maioria dos indivíduos performatiza em suas vidas? Que mediações culturais vêm ao encontro desses indivíduos na direção de um reconhecimento positivo dos saberes vivenciais tecidos por eles, muitas vezes em resposta a situações de exclusão, de liminaridade, para não falar de experiências de clandestinidade e de vulnerabilidade à violência, sofridas por esses sujeitos no curso de sua vida e cometidas tantas vezes mesmo pelos poderes públicos? Qual o legado que tais indivíduos deixam e como esse legado pode ser identificado e assumido como herança a ser valorizada na construção de uma sociedade democrática e pluralista? Se o respeito às populações vulneráveis à violência, à exclusão, à desigualdade e à estigmatização – conjunto no qual destaco as mulheres, os jovens em situação de marginalização social, os velhos e os LGBTQTT – pode ser considerado termômetro social da efetivação da cidadania, temos que, no que diz respeito ao respeito aos homossexuais velhos, a sociedade brasileira padece de severa crise.

O que seriam as memórias de velhos gays<sup>12</sup>? Que espaço há para acolher essas memórias, tão ligadas a um processo contínuo de infâmia e de produção de seres abjetos? (PAIVA, 2009). Penso que podemos contribuir para a constituição de um campo a partir do qual esses saberes vivenciais e as memórias acumuladas na experiência social dos indivíduos possam ser expressos de modo a criar autoestima e reconhecimento social, restituindo-lhes seu lugar e seu

---

<sup>12</sup> Evoco aqui o livro de Bosi (1979), sobre memória de velhos. No caso aqui trabalhado, poderíamos falar outras memórias, outra envelhescência?

desejo no laço social, de modo que possam falar sobre si e experimentar seus corpos e afetos, e que estes *importem* no tempo presente. Lembro do narrador de *Rastros do verão*: “tudo o que eu tinha a dizer a meu respeito pertencia ao passado. De onde começa o presente?” (NOLL, 2008, p. 27).

Quero pensar que o estabelecimento de sociabilidades intra e intergeracional, teorizadas como amizade em Foucault, permitindo identificações horizontais e a transmissão dos saberes de grupo, de sua memória coletiva, que passariam a ser tomados como patrimônio na construção de uma sociedade pluralista, podem vir a engendrar um outro sentido de lugar para as gerações de homossexuais velhos no Brasil contemporâneo. Não esqueçamos que, no Brasil, o movimento homossexual tem 30 anos e, portanto, nossos gays velhos de hoje foram os que abriram o caminho para uma representação identitária de afirmação política e de combate ao preconceito e à violência homofóbicos. Foi no seio do associativismo, seja em torno de questões relativas à cidadania homossexual, seja em torno da luta por direitos sexuais (direito à saúde, à livre expressão sexual etc.), seja na formulação de políticas públicas e de legislação voltadas ao segmento LGBT, que se forjou a experiência social das homossexualidades no Brasil contemporâneo.

Assim, de modo paralelo, nas províncias de pouca visibilidade, segundo critério de discrição e reserva, milhares de sujeitos anônimos, des-engajados, não militantes, construíram roteiros biográficos nas periferias do campo sexual hegemônico. Acumularam saberes vivenciais desprestigiados, dominados (FOUCAULT, 1990), relativos a modos de viver constantemente instados ao silêncio sob o preço da injúria e da desqualificação. Além de toda uma contagem regressiva das desculpas, quando se vai tornando evidente que o casamento e a constituição de prole se tornam horizonte cada vez mais longínquo. Ou, então, os egressos de relações heterossexuais, vindo defrontar-se com as asperezas impostas por seu reposicionamento diante da relação-mãe nutriz (homem/mulher) da inteligência do social. E as inumeráveis experimentações, o caudal de memória de lugares, de amizades, de criações não ostensivas que representam pontos de resistência contra o sentimento de *desrealização* (BUTLER, 2003a) que ameaça a consistência das suas biografias, localizadas dentro ou fora do armário<sup>13</sup>. Tudo isso compõe o patrimônio do repertório de hábitos (LAHIRE, 2002, p. 31) desses indivíduos velhos.

Se é verdade que não podemos, de modo nenhum, contribuir para um imaginário condenatório da velhice, e especificamente da velhice homossexual,

---

<sup>13</sup> Lembremos que as posições dentro-fora do armário são, de modo semelhante às posições centro-margem, relativas e móveis, sendo redescritas conforme a pluralidade dos contextos de interação social.

descrevendo-a apenas como “terceiro mundo das idades”, induzindo representações melancolizantes e, por consequência, normativas sobre os velhos LGBTs, não deixa de ser igualmente necessário explorar os rendimentos analíticos e políticos da noção crítica de uma melancolia especificamente vinculada às homossexualidades, como sintoma da rejeição da homossexualidade no laço social e da desvalorização da experiência coletiva acumulada pelos “envelhescientes” e velhos homossexuais.

Há um barulho de afetos, saberes e práticas, traduzidos no riso, na “pinta”, na “cédula”, nas músicas, nos espetáculos, nos lugares e nas transas, nas sublimações e criações micropolíticas, que precisa ser ouvido e tomado como herança e patrimônio, história viva de corpos, seres e experiências (individuais e coletivas, simultânea e indissociavelmente) que importam, e muito. O movimento LGBT, assim como as iniciativas acadêmicas de pesquisa, tem um campo enorme de possibilidades a ser explorado, ao incluir em suas agendas teórico-políticas a questão do envelhecimento homossexual. Esta me parece ser uma aposta no *presente*, no sentido forte do termo.

Encerro com um depoimento:

Ser homossexual não é um problema. É uma forma de vida que a cada dia eu aprendo a viver melhor: superar os preconceitos, ultrapassar as dificuldades, porque não é uma vida que já vem formada como as outras, que os pais criam para uma família convencional. Porque não há nenhum modo de vida gay pronto. Todo dia tem uma coisa nova, e vivo sobressaltado em saber como é que vai ser o amanhã...

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- BALANDIER, Georges. *Antropo-lógicas*. São Paulo: Cultrix; Ed. da USP, 1976.
- BARROS, Myriam Lins de. *Trajatória dos estudos de velhice no Brasil*. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n52/n52a06.pdf>>.
- \_\_\_\_\_. A cidade dos velhos. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Biblioteca de Ciências Humanas, USP, 1979.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. De gerações, afetos e papéis na família. *Anais do VI Encontro Nacional da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas, II Encontro Internacional Política e Feminismo e II Seminário Internacional: enfoques feministas e o século XXI – Feminismo e Universidade na América Latina*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- \_\_\_\_\_. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. Trajetórias sociais de gênero e representações sobre a velhice no Brasil. *IV Congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, 1996.
- BUTLER, Judith. *Humain, inhumain: le travail critique des normes*. Paris: Éditions Amsterdam, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. O parentesco é sempre tido como homossexual? *Cadernos Pagu*, UNICAMP, n. 21, 2003a.
- \_\_\_\_\_. *La vie psychique du pouvoir*. Paris: Léo Scheer Éditions, 2002.
- \_\_\_\_\_. Corpos que pesam: sobre limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*, Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Ed. da USP, 2004.

\_\_\_\_\_.; SIMÕES, Julio. *Envelhecimento e velhice na família contemporânea*. Disponível em: <[www.pagu.unicamp.br/files/pdf/julio02.pdf](http://www.pagu.unicamp.br/files/pdf/julio02.pdf)>.

DERRIDA, Jacques. *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

DUARTE, Luiz Fernando D. A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, M. Filomena; CARRARA, Sérgio (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

ERIBON, Didier. *Réflexions sur la question gay*. Paris: Seuil, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

GAGNEBIN. Jeanne-Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. *História e narração em Walter Benjamin*. Campinas: Unicamp, 1994.

HILST, Hilda. Rútilo nada. In: \_\_\_\_\_. *Rútilos*. São Paulo: Globo, 2003.

\_\_\_\_\_. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997.

LAHIRE, Bernard. *Homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LISPECTOR, Clarice. Ruído de passos. In: \_\_\_\_\_. *A via-crúcis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

\_\_\_\_\_. Feliz aniversário. In: \_\_\_\_\_. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

NOLL, João Gilberto. *Rastros do verão*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PAIVA, Crístian. Dicção amorosa em voz menor: em torno de biografias conjugais homoeróticas. In: TAKEUTI, Norma; NIEWIADOMSKY, Christophe (Org.). *Abordagens biográficas em ciências humanas e sociais* (no prelo), 2009.

\_\_\_\_\_. Miséria de posição e laço social nas homossexualidades. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, violência e poder*. Florianópolis, 25 a 28 agosto 2008a.

\_\_\_\_\_. Melancolia e envelhecimento homossexual: figurações da velhice no contexto da homossexualidade masculina. *VI Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas (REDEFEM)*. Belo Horizonte, 10 a 13 junho 2008b.

\_\_\_\_\_. *Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas*. Campinas: Pontes; Fortaleza: PPG-Sociologia UFC, 2007.

PAZ, Octavio. *Conjunções e disjunções*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. Lins de (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

PEREIRA, Pedro Paulo G. Sucatas do mundo: noções de contaminação e de abjeção em uma instituição de portadores de AIDS. *Sociedade e cultura*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001.

PRATA, Mário. Você é um envelhescente? In: *100 crônicas*. São Paulo: Cartaz Editorial, 1997. Disponível em: <[http://www.releituras.com/marioprata\\_envelhece.asp](http://www.releituras.com/marioprata_envelhece.asp)>.